

EDITORIAL

O sexto levantamento da Conab estimou colheita de 22,49 milhões de toneladas de grãos no Rio Grande do Sul, crescimento de 98 mil toneladas em relação à pesquisa anterior. Para o Brasil, a Conab indica produção de 135,32 milhões de toneladas, elevação de 0,47% em relação ao estudo divulgado anteriormente.

Os dados são apenas uma demonstração do sobe e desce nas pesquisas oficiais. Neste mês, a Conab apresentou o sexto levantamento de safra para o ciclo 2008/2009. Atente para o sexto. Não foi, literalmente, nem a primeira e nem a segunda versão do estudo. Foi a sexta, quando a companhia devia fazer apenas pequenos ajustes ou modificações em função de novos eventos.

Aliás, a edição divulgada em janeiro, quando todos já sabiam do impacto que a seca e a enchente no Sul do País provocariam na produção nacional, trouxe números irreais. Mesmo assim, faltaram humildade e competência, naquele momento, para avaliar que o anúncio era inadequado.

Parece que falta visão do todo para perceber que a constante mudança nos números tem grande reflexo para a comercialização, para o mercado e para a programação do agricultor. As diversas variações, além de prejudicar quem trabalha baseado nas informações, traz enormes prejuízos à credibilidade da pesquisa da Conab. Por que vamos acreditar em um levantamento se sabemos que, no mês seguinte, novos dados serão publicados e, provavelmente, haverá total mudança no cenário?

É necessário que quem trabalha com números os encare com mais seriedade. Pregamos a profissionalização da gestão no meio rural, do uso de informações para melhor definir os rumos dos negócios. Mas como convencer o produtor de que este é o melhor caminho se os órgãos oficiais, que deveriam auxiliar nessa profissionalização, não se entendem sobre a pesquisa da safra de grão, de suma importância para a economia do País?

Mesmo assim, a Farsul segue acreditando na informação de qualidade e de credibilidade. Por isso, nesta edição, o leitor do Sul Rural tem acesso, na página central, a reportagem sobre o trabalho inovador da federação com a Fundação Pró-Sementes. As duas entidades se uniram para realizar um diagnóstico sobre os resultados obtidos com as principais variedades de trigo recomendadas para o Rio Grande do Sul no zoneamento da cultura. O estudo completo pode ser acessado nos sites da fundação e da federação, mas o texto desta edição informa os principais resultados e a forma como o diagnóstico foi feito. Tudo para facilitar a vida do produtor e permitir que conheça o trabalho com rapidez e de uma forma prática, em consonância com o dia a dia da atividade.

Otimismo, para continuar...

Blau Souza*

O convívio mais demorado com a campanha agrada a qualquer um, mas não impede algumas decepções como a que sentimos ao comercializar bois gordos, escopo maior da pecuária de corte. O normal seria que os bois fossem abatidos em frigoríficos com inspeção adequada e valorizados de acordo com suas carcaças, idade, procedência e presença de brincos nas orelhas. Mas as decepções ocorrem em cadeia... A necessária rastreabilidade num mundo importador em que os melhores mercados são cada vez mais exigentes tem sido mal feita. Seu nível de exigência e seu caráter opcional inviabilizam emprego em grande escala e impedem que o Brasil se qualifique mais como exportador de carnes. O pequeno Uruguai pode servir como exemplo bem próximo. Lá todo animal é rastreado logo após o nascimento e há simplificação no seguimento do mesmo, sem que falte assistência técnica. E os criadores, grandes ou pequenos, recebem os brincos de forma gratuita.

Mas nem é esse o aspecto mais irritante. Decepção a imediatismo dos frigoríficos maiores, incapazes de valorizar os fornecedores ao longo do tempo e pela qualidade dos produtos fornecidos. Os abatedouros menores, municipais, conseguem pagar melhor, pois sabem onde encontrar gado gordo durante todo o ano e valorizam esse fato. Os grandes se omitem na implantação de medidas que assegurem o fornecimento continuado de carne de qualidade, capaz de ser aceita em qualquer mercado. Seu procedimento é meramente mercantil e a situação dos produto-

res se agrava quando há mais oferta do que procura. Medidas asseguradoras de melhores preços só vêm quando as exigências externas se tornam opressivas. Na falta de argumentos perante os importadores exigentes se voltam contra seus fornecedores e procuram desqualificar a oferta. Pouco significam genética, precocidade, maciez e gosto da carne, acabamento nas carcaças e outras características se os compradores optarem pela compra de carne barata. Terminam consagrando o novilhão e propiciam-

Lá pelo final do século XIX, os charqueadores compareciam em suas carruagens para fazer ofertas às muitas tropas que se colocavam no plano da Tablada, contidas pelos tropeiros. Elas vinham para ser vendidas, após muitos dias de marcha, travessia de rios e outros obstáculos que consumiam boa parte da gordura acumulada. Por vezes, para conseguir melhor preço, era concedido prazo, garantido por letras de crédito de capitalistas, ávidos por algum ganho na fase pré-bancos.

do rendimentos sofríveis para a nossa pecuária.

Haveria outros aspectos negativos na hora de vender nossos bois? Sim, e como! Estamos muito longe de receber as planilhas de abate e nos orgulhar dos resultados obtidos. Quem não quiser se decepcionar além da conta, venda a peso vivo, na balança, por ocasião do embarque. Isso contraria tudo quando a aposta é pela produção de qualidade, mas as planilhas dos bois vendidos a rendimento costumam ser insatisfa-

tórias e até risíveis. Não resistem a comparações e recomendam muito mal frigoríficos que deveriam ser aliados dos produtores na obtenção de carne de qualidade superior. Quando verifico que estou vendendo gado a peso vivo, sem apostar no rendimento, em pleno século XXI, penso nos registros deixados por meu pai e nas cartas recebidas pelo meu avô quando levava suas tropas para a Tablada. Meu pai, nos anos trinta, teve de ser segurado por terceiros para não agredir gringo de frigorífico que, por lamentável deslize burocrático, apresentara o rendimento da tropa antes que o abate fosse feito. Cartas dirigidas ao meu avô Zeca Souza dão conta da comercialização das tropas de bois gordos na Tablada, arredores de Pelotas. Lá pelo final do século XIX, os charqueadores compareciam em suas carruagens para fazer ofertas às muitas tropas que se colocavam no plano da Tablada, contidas pelos tropeiros. Elas vinham para ser vendidas, após muitos dias de marcha, travessia de rios e outros obstáculos que consumiam boa parte da gordura acumulada. Por vezes, para conseguir melhor preço, era concedido prazo, garantido por letras de crédito de capitalistas, ávidos por algum ganho na fase pré-bancos.

Afora o desabafo, meu otimismo não é inferior aos de meus antepassados. Como seria bom produzir carne cada vez melhor para o mundo inteiro, contando com a colaboração indispensável de amigos e sócios em modernos frigoríficos, capazes de satisfazer a nós e ao exigente primeiro mundo.

* Médico e escritor

EXPEDIENTE

SISTEMA FARSUL



Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul



Rio Grande do Sul



CASA RURAL CENTRO DO AGRONEGÓCIO

FARSUL
Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Vice-presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Diretor Administrativo:
Francisco Lineu Schardong
Diretor Financeiro:
Jorge Rodrigues

SENAR-RS
Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Superintendente Interino:
Carlos Alberto Schütz
Div. Administração e Finanças
Carlos Alberto Schütz
Divisão Técnica:
Taylor Favero Guedes
Div. Planejamento e Projetos
Saulo Gomes

JORNAL SUL RURAL
Diretor: Décio Rosa Marimon
Jornalista responsável:
Marcela Duarte (MTB 9.870)
Fotos: Fabrício Barreto, Luiz Ávila,
Marcelo Curia e arquivo
Colaboração: Alessandra Bergmann
e Tiago Francisco
Circulação Mensal
Tiragem: 35.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400
Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90050-390